

ENTRE A “ESQUERDA REVOLTOSA” E O “HERÓI INTEGRALISTA”: NARRATIVAS SOBRE JOÃO CÂNDIDO FELISBERTO, O *ALMIRANTE NEGRO*

BETWEEN THE REBELLIOUS LEFT AND THE INTEGRALIST HERO: NARRATIVES ABOUT JOÃO CÂNDIDO FELISBERTO, THE BLACK ADMIRAL

*Gabriel Pereira Mewes dos Santos*¹

*Heitor dos Santos Rodrigues*²

*Israel Gonçalves Scopel*³

*Luca Lima Iacomini*⁴

*Nicolas Hecke Krüger*⁵

Resumo: O trabalho busca trazer à tona as narrativas sobre João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata, que, por sua revolta contra os castigos físicos que a Marinha infringiu principalmente aos marinheiros de baixa patente, foi interpretado como um herói pela esquerda brasileira e pelo movimento negro. A narrativa, porém, envolve alguns apagamentos acerca do passado integralista de João Cândido, exaltado também pelos simpatizantes da extrema-direita, como o deputado Elimar Damasceno, autor de um projeto de lei que tornaria aquele marinheiro herói nacional. Propomos, então, analisar esses discursos a partir de depoimentos de simpatizantes da esquerda e de falas do próprio Almirante Negro.

Palavras-chave: Revolta da Chibata; Ação Integralista Brasileira; João Cândido Felisberto

Abstract: This article intends to bring up the narratives about João Cândido Felisberto, the leader of the Whip Rebellion, who, because of his revolt against the physical punishments that the Brazilian Navy violated mainly low-ranking sailors, he was interpreted as a hero by the Brazilian

¹ Graduando de História na Universidade Federal do Paraná.

² Graduando de História na Universidade Federal do Paraná.

³ Graduando de Filosofia na Universidade Federal do Paraná.

⁴ Graduando de História na Universidade Federal do Paraná.

⁵ Graduando de História na Universidade Federal do Paraná.

left and for the Black Movement. Their narrative doesn't mention João Cândido's integralist past, exalted by some sympathizers of the extreme right, as the deputy Elimar Damasceno, author of a bill that would make that sailor a national hero. We propose to analyze these speeches from testimonials from supporters of the left and words of the own Black Admiral.

Keywords: Vaccine Rebellion; Brazilian Integralist Action; João Cândido Felisberto

Introdução

Em maio de 2008 foi aprovado pela Câmara o Projeto de Lei 7198/2002, de autoria da senadora Marina Silva, então pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT). O projeto tinha como objetivo conceder anistia *post mortem* a João Cândido Felisberto e aos demais participantes da Revolta da Chibata, assegurando-lhes o cumprimento do Decreto nº 2280 de 25 de novembro de 1910, além de indenizar suas famílias (CONGRESSO EM FOCO, 2008).

A anistia foi sancionada em julho do mesmo ano pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que prometeu nomear um navio brasileiro com o nome de João Cândido (O GLOBO ONLINE, 2008)⁶. Em 20 de novembro do mesmo ano, Dia da Consciência Negra, o presidente inaugurou uma estátua do Almirante Negro na Praça XV na cidade do Rio de Janeiro (ESTADÃO, 2008). O então ministro da Igualdade Racial Edson Santos ressaltou que essa seria “uma homenagem a um importante herói negro do país” (O GLOBO ONLINE, 2008).

⁶ O navio petroleiro João Cândido, pertencente à Petrobrás, foi comissionado em maio de 2010, no último ano de Lula como presidente do Brasil.

Considerando, porém, que Lula vetou a indenização à família dos revoltosos, Adalberto do Nascimento Cândido, filho caçula do Almirante Negro, em entrevista à Associação Brasileira de Imprensa, agradeceu à senadora Marina, mas alega que o governo comete erro ao não indenizar seu pai, que, por ter sido dispensado da Marinha, “ficou sem condições de sustentar a família” (CÂNDIDO apud. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 2008).

O jornalista Francisco Alves Filho (2010), da revista IstoÉ, caracteriza João Cândido como um “herói injustiçado”. Alves Filho relatou que, na época da inauguração da estátua de João Cândido, houve resistência da Marinha, agitação que foi acalmada somente com a promessa do Governo de que a estátua não ficaria de frente para a Escola Naval.

O ressentimento das Forças Armadas permaneceu durante muito tempo. Segundo Alves Filho, à época da revolta, o então presidente, “Marechal Hermes da Fonseca, aceitou anistiar os revoltosos, mas voltou atrás. Muitos foram expulsos da Marinha, alguns presos e outros acabaram mortos” (Idem). Durante a década de 1970, na Ditadura Militar, o compositor Aldir Blanc, junto a João Bosco, escreveu a canção “O Mestre-Sala dos Mares” (BOSCO; BLANC, 1975), um dos fatores que popularizou a figura de João Cândido. Por contar a história da Revolta da Chibata, a canção, que originalmente se chamava “O Almirante Negro”

passou pelo Departamento de Censura⁷. Para burlar o censor, Aldir alterou o título da música.

Ainda sobre a Ditadura, o historiador Marco Morel, neto de Edmar Morel, autor do primeiro livro sobre a Revolta da Chibata, em entrevista à IstoÉ, afirma que seria justo que os marujos da Revolta da Chibata receberem indenizações assim como muitos dos que lutaram contra a Ditadura Militar brasileira também foram indenizados (MOREL apud. Idem)⁸.

Em 2005, porém, o deputado paulista Elimar Máximo Damasceno, do PRONA (Partido de Reedificação da Ordem Nacional) pronunciou, na Câmara dos Deputados, uma homenagem a João Cândido (BRASIL, 2005). Na sessão, ocorrida em 2 de dezembro daquele ano, o deputado aborda a participação de Cândido na Ação Integralista Brasileira (AIB) no ano de 1933 e uma entrevista do líder em 1968 (FELISBERTO, 1968). Damasceno afirma que, neste documento oral, o marinheiro declararia amizade ao líder integralista Plínio Salgado e afirmaria o orgulho de ser integralista. A narrativa do deputado é endossada pelo jornal de direita radical *Terça Livre*

⁷ Segundo os músicos, o problema da música não foi o uso de termos como “revolução” ou “sangue”, e sim a abordagem racial, exaltando a figura do negro, o que revelava, além de um caráter autoritário, um caráter racista da Ditadura Militar. “Algumas passagens da letra original foram mudadas, como a substituição de ‘negros’ por ‘santos’, ‘almirante’ por ‘navegante’ e ‘feiticeiro’ por ‘marinheiro’, guardando a rima e a métrica originais e sugerindo, no lugar, figuras da linguagem poética”. (ALMEIDA, 2011: 72)

⁸ Marcelo Beraba, em matéria publicada na Folha de S. Paulo, afirmou que os documentos referentes ao Almirante Negro foram disponibilizados pela Marinha 97 anos após a Revolta, graças a Marco Morel, com a intenção de utilizar os dados para uma pesquisa sobre o líder da revolta pelo Projeto Memória da Fundação do Banco do Brasil (BERABA, 2008, s.p.).

(FERNANDO, 2018). Entretanto, Cândido não menciona Salgado na entrevista de 1968 e não afirma explicitamente seu orgulho pelo movimento (embora não negue e também não condene sua participação), sendo apenas interpretações do próprio deputado. Ao final de seu pronunciamento, Damasceno reforçou o pedido exposto em um dos projetos de lei de seu partido (PL 5874/2005) que consistia em incluir o nome de João Cândido no “Livro dos Heróis da Pátria”, encontrado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

João Cândido se mostra uma figura controversa. Ao mesmo tempo em que tem a simpatia da esquerda, perceptível em homenagens feitas pelo PT e pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) — que deu o nome do Almirante Negro a uma ocupação de terreno de 1,2 milhão de metros quadrados na periferia de São Paulo (ALMEIDA, 2011: 77) —, é admirado também pela direita radical, a exemplo do deputado Damasceno, pertencente ao partido criado por Enéas Carneiro⁹. Mas quem foi João Cândido? O trabalho tem o objetivo de explorar as narrativas sobre o Almirante Negro pela esquerda brasileira e seu passado com o integralismo.

Para isso, será feita análise do documentário “João Cândido, a luta pelos direitos humanos” dirigido por Tânia Quaresma (JOÃO, 2008a;

⁹ Enéas Ferreira Carneiro (1938-2007) foi médico, sargento e deputado federal, fundou o PRONA e foi candidato à presidência da República em 1989, 1994 e 1998. Defendia posições nacionalistas, autoritárias e moralizantes, além de se colocar em oposição ao liberalismo econômico (defendia o intervencionismo na economia). Sua posição no espectro político é ambíguo, geralmente é considerado como de extrema-direita por suas posições autoritárias e nacionalistas, embora também elogiasse a teoria marxista e rejeitasse a dicotomia esquerda-direita. Além disso, é apropriado por elementos da extrema-direita como ícone de seus posicionamentos políticos. (CALDEIRA NETO, 2019)

2008b)¹⁰. A imagem de João Cândido que consta neste documentário é uma visão que foi se consolidando através de décadas, desde sua participação na Revolta da Chibata, construída principalmente por poetas e escritores de esquerda, tendo o Partido Comunista Brasileiro (PCB) usado a Revolta de 1910 como propaganda e motivação por lutas. Compararemos a narrativa do documentário com a entrevista cedida pelo próprio Felisberto ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, em 1968, realizada pelo jornalista Hélio Silva (FELISBERTO, 1968). Buscaremos traçar as diferenças entre a memória do documentário, que traz consigo décadas de consolidação, e a experiência do próprio João Cândido sobre seu passado.

A revolta

No ano de 1906, conforme José Murilo de Carvalho (2006), houve um programa de renovação naval na Marinha Brasileira. Dois grandes couraçados, São Paulo e Minas Gerais, foram encomendados da Inglaterra. De acordo com Álvaro Pereira Nascimento (1997: 10), os dois navios eram comparáveis ao couraçado inglês Dreadnought. Vale lembrar que a Inglaterra possuía apenas um grande navio, enquanto o Brasil tinha o São Paulo e o Minas Gerais. Esses poderosos navios foram motivo de orgulho nacional e admiração. A Marinha Brasileira tinha, portanto, um enorme poder de fogo, capaz de destruir grandes metrópoles. Conforme Nascimento (Idem), a esquadra brasileira era a mais poderosa da América Latina.

¹⁰ Optamos por trabalhar com o vídeo no YouTube pela acessibilidade universal. O vídeo completo depende de Adobe Flash Player, que será desativado ao final de 2020.

Em 1910, os novos navios chegaram à costa da baía de Guanabara e foram saudados pela população carioca. Muitos marinheiros brasileiros foram enviados para a Inglaterra, para se inteirar das questões operacionais desses navios, “aprenderem os recursos de navegação e de combate” (NASCIMENTO, 1997: 11). Entretanto, ao terem contato com os marinheiros ingleses, os brasileiros começaram a perceber a diferença de tratamento na Royal Navy. Em outras palavras, os marinheiros ingleses não eram expostos aos mesmos castigos violentos que os brasileiros. Tanto na Inglaterra como em outras nações, como a Espanha, a França, os EUA e a Alemanha, os castigos corporais haviam sido abolidos no século XIX, enquanto a Marinha Brasileira do início do século XX permanecia aplicando castigos considerados bárbaros em muitos outros países. Nascimento (2010: 24) ressalta que havia, entre os marujos (negros e mulatos, em sua maioria), a visão de que a Marinha funcionava como uma antiga fazenda escravocrata, com todos os castigos e rigores da época da escravidão.

Existia, no oficialato da Marinha, o medo de que a experiência da revolta do Encouraçado Potemkin, da Rússia, se repetisse no Brasil. Talvez os marinheiros tivessem sido apresentados, por meio da revolução russa de 1905, aos meios que poderiam lhes proporcionar um tratamento mais digno. Conforme o depoimento de João Cândido a Hélio da Silva de março de 1968, ele e outros marinheiros já estavam se mobilizando havia tempo: possuíam vários núcleos conspiratórios na capital do país.

Ademais, os marinheiros conspiradores marcaram a revolta para o dia da posse do presidente Hermes da Fonseca, 15 de novembro de 1910. A

candidatura de Fonseca simbolizava a volta dos militares ao poder, em oposição aos “civilistas” que o precederam. Com um certo atraso na data, na noite de 22 de novembro de 1910, ocorreu o empossamento presidencial propriamente dito.

Enquanto isso, na mesma noite, o comandante do navio Minas Gerais voltava de um jantar oferecido por um navio francês. Quando o oficial retornou à sua embarcação, os marinheiros, liderados por João Cândido, começaram a gritar: *‘viva a liberdade! Abaixo a chibata!’* O comandante tentou sujeitá-los, mas não funcionou: “A batalha no convés começou; os amotinados lançaram objetos de ferro no grupo de oficiais que se formou e a troca de tiros não demorou a acontecer” (NASCIMENTO, 1997: 15). Os amotinados, muito maiores em número, venceram os oficiais e alguns marinheiros não engajados na revolta. Outros navios também aderiram à revolta, como o Timbira e o República. Parte da guarnição revoltosa desses últimos ocupou o São Paulo e o Deodoro. Nem todos os marinheiros se rebelaram, mas os revoltosos, em maior número, sobrepujaram os primeiros. Apontaram os canhões para o Rio de Janeiro e a população, sem saber o que estava acontecendo, acordou com o barulho das explosões (cujos estilhaços vitimaram duas crianças). As pessoas que puderam fugiram da cidade, e outras, como o poeta Oswald de Andrade, buscaram abrigo (NASCIMENTO, 1997: 16).

Não se sabia a razão do motim. Alguns julgaram que se tratava de um golpe de Estado contra a presidência de Marechal Hermes. O governo enviou então o senador José Carlos de Carvalho para examinar as exigências dos revoltosos e estabelecer negociações. Assim, descobriram

que não se tratava de um grupo revolucionário, mas que sua pauta era baseada na abolição dos castigos corporais, marcadamente a chibata, e na anistia aos revoltosos. Exigiram também:

Retirar os oficiais incompetentes e indignos de servir à nação brasileira, reformar o código imoral e vergonhoso que nos rege a fim de que desapareça a chibata, [...] aumentar o nosso soldo [...], educar os marinheiros que não tem competência para vestir a orgulhosa farda, mandar pôr em vigor a tabela de serviço diário. (BONAVIDES; AMARAL, 2002: 362)

Essas reivindicações dos revoltosos traziam o nome de João Cândido como líder do movimento. Mas a abolição dos castigos corporais, apesar de discutida e defendida por alguns, foi apenas prometida para uma data posterior. Quanto à anistia, houve um debate se esta deveria ser dada aos revoltosos antes que eles se entregassem ou depois. O senador Rui Barbosa¹¹, defensor da primeira proposta, convenceu o Congresso a liberar a anistia logo, argumentando que se isto não fosse feito rapidamente, a cidade do Rio de Janeiro poderia ser destruída. Em virtude dos apelos do senador baiano e de seus correligionários, o Congresso aprovou a proposta, no dia 26 de novembro, e a revolta teve seu fim. Entretanto, ainda que os marinheiros tivessem recebido a anistia e a ocupação dos navios tivesse findado, o conflito entre oficiais e marinheiros não acabou, mas ganhou novos contornos, porque a hierarquia fora quebrada.

¹¹ Rui Barbosa, no contexto estudado, era um destacado senador baiano que foi candidato à presidência em 1910, sendo derrotado pelo marechal Hermes da Fonseca. O senador representava o grupo político dos civilistas, enquanto o marechal era do “partido” militar. Portanto, Rui Barbosa era uma das cabeças da oposição ao presidente da República dentro do Senado. (NASCIMENTO, 2010: 22)

Ademais, no dia 9 de dezembro, a tripulação do navio Rio Grande do Sul iniciou uma nova revolta; contudo esta foi reprimida pelas forças do governo. Como esta segunda revolta não obteve anistia, todos os revoltosos foram presos. Foi decretado estado de sítio, fechou-se o congresso e os direitos civis foram suspensos. No fim, João Cândido acabou em uma cela na Ilha das Cobras. Segundo Silvia Capanema Pereira de Almeida, “A maior parte dos prisioneiros morreu ao cabo de 3 dias em razão da falta de ar puro, agravada pelo acréscimo de uma solução de cal nas celas, e desidratados” (ALMEIDA, 2011: 61-62). João Cândido foi colocado em uma solitária¹² junto a outros 17 homens, que passaram nela a noite de natal de 1910. Devido às condições a que estavam submetidos, o Almirante Negro e o soldado João Avelino Lira foram os únicos sobreviventes. Muitos revoltosos foram levados para o Acre para servirem de mão de obra. Outros foram fuzilados.

A adesão de João Cândido ao Integralismo

Duas décadas após o incidente, João Cândido e Adalberto Ferreira Ribas viriam a entrar no partido recém-criado por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira (AIB), que agiu entre 1932 e 1937, com clara inspiração no fascismo italiano (SILVA, 2005: 63). Entretanto, o discurso integralista era favorável à adesão de diferentes etnias no partido, embora mantivesse a postura antissemita e favorável ao ingresso de indivíduos com experiência militar. Nesse sentido, pelo que mostram as fontes, havia uma razoável presença de negros dentro do movimento (SILVA, 2005: 84).

¹² Tipo de cela planejada para receber uma única pessoa, por curtos períodos.

Assim sendo, a entrada de Cândido no partido foi vital para os discursos da revista *Anauê!*¹³, pois combinavam com o intuito de criar uma imagem de libertador e herói nacional, sem mencionar que o reconhecimento dos negros era, nesta perspectiva, fundamental para o movimento. Esse tipo de discurso pode ser encontrado no seguinte trecho da revista em 1937:

Nesta página, pois, dedicada ao 13 de maio, queremos acentuar o profundo interesse que empolga os estudiosos integralistas pelo problema do negro na sociedade brasileira e queremos também homenageá-lo — nos negros operários, soldados de polícia, marinheiros, estivadores, pescadores, soldados do exército, trabalhadores rurais, que, na hora presente, vivem conosco a esperança de um grande Brasil. (ANAUE apud SILVA, 2005: 86)

Segundo Sepulveda (2014), era o desejo de Salgado reorganizar a cultura brasileira em uma uniformidade, pelo bem do “Todo Nacional” por isso o movimento aceitava “mulheres, negros, pobres, que recebiam papéis sociais específicos na reprodução dos valores integralistas” (Idem, s. p.). Nesse sentido, Salgado afirmou em seu livro (1937: 97) que a divisão entre negros e brancos era fruto da discórdia promovida pela Internacional Comunista, enquanto a divisão por classes era desencadeada pelo Capitalismo: “o povo brasileiro está dividido e, por isso, enfraquecido” (Idem: 23). Portanto, “é a partir dessa construção e desse cenário que Plínio Salgado vai se referir à ‘Nação Total’ e ao ‘Todo Nacional’” (SEPULVEDA, 2014).

¹³ O termo “Anauê” vem do tupi, que significa “Você é meu parente”, e era utilizado como saudação entre os integralistas, reforçando o nacionalismo do movimento. (SEPULVEDA, 2014)

Dessa maneira, João Cândido se viu voluntariamente dentro da causa integralista, que adotava uma postura contra o comunismo. Mesmo assim, este alinhamento ideológico foi ignorado pelos jornalistas ligados ao PCB, como o caso de Adão Pereira Nunes, sob o pseudônimo de Benedito Paulo, que buscou formular uma memória da Revolta da Chibata (ALMEIDA, 2011: 67). Durante a Ditadura, porém, Nunes foi perseguido e sua obra destruída, restando poucas partes. Ademais, com a ascensão do Estado Novo, a AIB foi dissolvida e seus membros perseguidos após o fracassado levante contra o presidente Getúlio Vargas. Cândido, porém, mantém sua amizade com Plínio Salgado. A partir disso, tornou-se difícil o processo de construção da memória com a ditadura varguista, tendo sido apenas efetivamente realizada nos anos 50 com Edmar Morel (ALMEIDA, 2011: 68-69).

As narrativas sobre João Cândido

Responder quem foi o marinheiro João Cândido Felisberto não é uma questão simples, por mais que em um primeiro momento pareça. A construção da memória de Felisberto perpassa poetas, políticos, documentos oficiais da Marinha, conhecimento da população em geral. Não pretendemos neste trabalho chegar aos pormenores sobre quem foi João Cândido, buscando simploriamente apontar as “verdades” ou “erros” das afirmações que são feitas sobre o Almirante Negro por diversos grupos. Entremontes, nos é mais caro compreender qual imagem de João Cândido permanece para cada grupo social e de como esses grupos entendem, se refletem e significam as ações tomadas pelo líder da Revolta da Chibata,

não esquecendo dos aspectos que foram deixados de lado pelas diversas memórias construídas acerca de Felisberto. Buscamos, portanto, compreender alguns discursos a respeito desse intrigante personagem, utilizando do documentário e da entrevista mencionados anteriormente.

Em relação à história contada pelo documentário sobre a figura de Felisberto, a narrativa inicia-se com seu nascimento, no Rio Grande do Sul, ao som de uma música regional e imagens do campo, que corroboram com a construção de um amante da sua terra, de um sujeito simples. A fazenda onde nasce o futuro líder revoltoso é adjetivada como “diferente” pela escritora Maria Luci Corrêa, criando uma certa predestinação ao menino que nasceu em uma fazenda fora dos padrões, apesar dessas diferenças não serem tão claras. O filho do casal da fazenda é colocado como trabalhador, responsável e amante da liberdade por não ter nascido escravo como os progenitores. A entrada de Cândido na escola de marinheiros, segundo os entrevistados Corrêa e João Cândido de Oliveira, sobrinho neto, deveu-se ao encanto do Almirante Alexandrino de Alencar pelas qualidades do menino. Marcos Manhães Marins, diretor do filme *Memórias da Chibata*, aponta João Cândido como um trabalhador pacato, obediente e que jamais se revoltaria sem necessidade, que pregava a não violência mesmo em meio à rebelião. João Cândido, na visão do cineasta, permaneceria fiel à hierarquia militar, mas precisou se revoltar, não por ele, mas pela situação indigna em que viviam todos os seus colegas. Sua revolta foi justificada porque fora em nome dos Direitos Humanos, pelos quais nosso herói lutou até o fim. Ademais, Felisberto fora, na perspectiva do vídeo, um herói do

movimento negro. Conforme Oscarlina de Oxalá¹⁴, há uma ausência de heróis negros no Sul do país, sendo a única referência para a luta negra a história de um “pobre de um negrinho que apanhou e morreu em um formigueiro”¹⁵ (JOÃO, 2008b), o que, segundo ela, faz mal para a auto-estima das crianças negras. João Cândido aparece como o ideal de luta não só pelo fim de castigos físicos, mas pela igualdade racial.

Consideramos, primeiramente, que a memória construída pelo documentário é uma perspectiva possível, a qual busca responder problemas de seu presente por meio da figura de João Cândido. Apesar disso, este fato não nos inibe de levantar algumas dificuldades encontradas por tal discurso. A construção da imagem de João Cândido no documentário começa pelo título da obra, “a luta pelos direitos humanos”, afirmar que o Almirante Negro lutou para que os Direitos Humanos fossem respeitados dentro da Marinha (JOÃO, 2008b). Levando em consideração que o conceito de direitos humanos surgirá somente após a Segunda Guerra Mundial, o termo torna-se anacrônico para a temporalidade da Revolta da Chibata. Conforme Barros (2016: 162), são anacronismos os termos utilizados pelo historiador contemporâneo que pressupõe que os personagens históricos pensassem exatamente como os indivíduos da atualidade, e este seria o caso de “direitos humanos”, referentes a um processo histórico datado.

¹⁴ Membro da Comissão Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Grupo Hospitalar Conceição (CEPPIR-GHC).

¹⁵ Referência à lenda folclórica do Negrinho do Pastoreio. Para mais informações sobre esta história, recomendamos a consulta à obra de LOPES NETO, João Simões. Lendas do sul. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002. 159p.

Para além destes fatores, o documentário trabalha com a ideia de um herói popular, militante e resistente. Conforme a fala de Edson Santos, ministro da Igualdade Racial durante o governo Lula, o líder da Revolta da Chibata teria tido uma participação no movimento de marinheiros contrários ao Golpe de 64¹⁶, sendo um homem de esquerda e progressista (Idem). Tal relação é importante para tornar a Revolta da Chibata um movimento de esquerda, utilizado como propaganda das lutas de classe pregadas pelo PCB, como em panfletos distribuídos pelo partido (NASCIMENTO, 2010: 31). Esta perspectiva também é seguida pelo jornal progressista *A Nova Democracia*, que o descreve como “almirante negro da esquerda revoltosa” (CARCERELLI, 2010).

Entretanto, estas memórias sobre Felisberto transmitidas pelo documentário encontram alguns problemas quando confrontada com outro ponto de vista, a memória do próprio Almirante Negro em 1968 (FELISBERTO, 1968). Isso não torna essas memórias inválidas, mas cria um atrito entre a narrativa do documentário e a da memória de João Cândido. Na entrevista, João Cândido afirma não ter sido um “político militante”, mas sim um participante das lutas do que chamava de “partido dos bons”, diante da pergunta do jornalista Hélio Silva que utilizava os termos “partido dos humilhados, o partido dos humildes, o partido da libertação” (Ibid: 21). João Cândido afirma em sua entrevista que teve “pouca prática” nos movimentos tenentistas de 22 e 24 e foi opositor ao movimento dos marinheiros de 64. Ao se referir à intervenção militar em

¹⁶ O movimento dos marinheiros de 1964 tinha como objetivo a luta pela aprovação de reformas de base do presidente João Goulart.

1964 (golpe que derrubou o presidente João Goulart), considera que este foi um “movimento de salvação pública” (Ibid: 22). A isso devemos acrescentar a participação de João Cândido no Movimento Integralista, memória esquecida para que fosse possível a consolidação de um Almirante Negro progressista e militante de esquerda.

Apesar disto, devemos considerar que o depoimento de Felisberto (de 29 de março de 1968) foi dado apenas quatro anos após a instauração do Novo Regime, o presidente era Costa e Silva (considerado linha-dura) (NETO, 2003). É possível que, considerando que houvesse de fato uma participação de João Cândido na resistência ao golpe de 64, tal participação seria provavelmente negada pelo entrevistado. Neste contexto, as falas do João Cândido de 1968 reforçam a sua essência não revoltosa. O Almirante Negro afirma que nunca foi chicoteado, era obediente aos superiores e se relacionava bem com eles. Apesar destas considerações, aparentemente o depoimento de Felisberto não chegou a ser utilizado pelo Regime Civil-Militar, permanecendo guardado dentro do MIS por décadas, possivelmente por não se ajustar a nenhum modelo historiográfico em voga nos anos de chumbo, não havendo correspondência entre os intentos do entrevistador e a realidade da entrevista¹⁷ (Ibid: 23).

Ainda com relação à postura de João Cândido na entrevista, e às incoerências dos discursos sobre ele, no sentido de que temos um

¹⁷ Outro ponto que é necessário salientar é a problematização que Neto (2003) faz sobre a entrevista. Conforme o autor, esta foi conduzida pelo entrevistador Hélio Silva: “pode-se verificar que o entrevistador principal, Hélio Silva, é também o narrador principal [...]. Através das perguntas que faz, narra a história da Revolta de 1910 e, ao mesmo tempo, cria, ou ao menos tenta criar, uma imagem de João Cândido” (Ibid: 05).

marinheiro revoltoso na revolta da chibata, enquanto nos anos 30 temos um integralista e em 64, um defensor do Golpe Civil-Militar (NETO, 2003: 22), é necessário fazer algumas breves considerações sobre a filosofia do renomado autor Paul Ricoeur, a partir de sua obra *O si mesmo como um outro* (2014). Conforme o pensador, a identidade humana poderia ser classificada em duas facetas, a *mesmidade* e a *ipseidade*. Enquanto aquela faz referência à parte de nossa identidade que não se altera, esta se encontra relacionada com o ser que muda conforme as ações que executa no tempo e com a narrativa formada ao longo do tempo. Apesar disto, o indivíduo busca, dialeticamente e constantemente uma unicidade de si próprio. Seguindo neste caminho, cada ser humano vai realizar várias narrativas durante sua vida com o intento de interpretar a si mesmo e ao mundo. Desta forma, o indivíduo constrói sua identidade, entretanto, sem jamais atingir uma total compreensão de si próprio. Ademais, devemos considerar que Ricoeur propõe que o sujeito narra aquilo que é conveniente em cada situação: há uma mudança de discurso narrativo, dependendo do ouvinte. Vale a pena também destacar que, ao narrar, o indivíduo atribui um sentido à sua história, que vai mudar conforme o tempo e ouvinte. No mesmo sentido, Silva afirma que: “a importância da memória está no fato de que, ao lembrar o passado, procuramos nele os germens de uma outra história possível” (SILVA apud ROCHA, 2012: 74). Mas com relação à narrativa de João Cândido, que muito nos interessa, é possível utilizar as ideias de Ricoeur para explicar que o Almirante Negro ressignificou sua narrativa no decorrer da vida, e seu testemunho, sendo vivo, não é o mesmo quando contado em plena Ditadura Militar do que poderia ter sido alguns anos

antes. O entrevistado não vai contar exatamente o mesmo depoimento em virtude de variáveis como a experiência de vida e o interlocutor. Mesmo tendo tais considerações em mente, o testemunho é uma forma de memória e é válida em seu contexto.

Considerações finais

Entre o documentário e a entrevista, temos duas memórias construídas sobre Felisberto, uma do Almirante Negro, líder de esquerda, participante do partido dos humildes e inserido em um contexto de reivindicações sociais mais amplas, e outra do testemunho de um João Cândido entrevistado em plena Ditadura Civil-Militar, de posicionamento político ambíguo e que inclusive considerou 64 como um “movimento de salvação pública” (FELISBERTO, 1968: 22). Não nos interessa aqui responder se o espectro político deste personagem histórico mudou desde 1910 até 1964. A questão aqui é entender o contraste entre memórias, e perceber que estas buscam responder os desafios de seu presente, entender como a Revolta da Chibata (cuja pauta era acabar com os castigos corporais) tornou-se na memória do documentário um movimento de esquerda pelos direitos humanos ou um levante liderado por um integralista, na perspectiva do deputado Damasceno. Não se pode negar que a tomada de ação do Almirante Negro se torna legitimadora de causas ideológicas que servem tanto à esquerda progressista quanto a alguns setores da direita mais extremistas.

Finalmente, a memória construída em torno de Felisberto também deve ser estudada para que se compreenda como cada grupo social cria a

figura de seu herói para responder às suas próprias demandas, podendo o ressignificar com o passar do tempo.

Bibliografia

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária. *Revista Brasileira de História*, 2011. Disponível em: <<http://2011.redalyc.org/articulo.oa?id=26319123004>>. Acesso em 02 jun. 2019.

BARROS, José D'Assunção. *Os Conceitos*. Seus usos nas ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 2016.

BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto (orgs). *Textos Políticos de História do Brasil* - Volume 3. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 661-669.

CALDEIRA NETO, Odilon. Enéas Carneiro em dois tempos: do “voto cacareco” a um dos heróis da “nova direita” (artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/eneas-carneiro-em-dois-tempos>>. Publicado em: 01 jul. 2019. Acesso em 16 out. 2019.

CARVALHO, José Murilo de. Os bordados de João Cândido. *História, Ciências, Saúde*, n. 2, p. 64-83, julho-outubro 1995. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/enfil/article/view/40478>>. Acesso em 18 jun. 2020.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A revolta da chibata e seu centenário. *Perseu*, ano 5, n. 4, p. 11-41, 2010.

_____. *Marinheiros em revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra (1880-1910)*. 1997. 139p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Defesa: Campinas, 21/03/1997. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281466>>. Acesso em 13/06/2019.

NETO, José Miguel Arias. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. *Revista História Oral*, v. 6, p. 159-85, 2003.

PINHEIRO, Paulo Sérgio et.al. O Brasil Republicano, 2º vol: sociedade e instituições (1889-1930). In: FAUSTO, Boris (dir). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ROCHA, Gilmar. O Circo Chegou! Memória Social e Circularidade Cultural. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 69-89, nov. 2012.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. 2. ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1937. 197 p.

SEPULVEDA, José Antonio. O Projeto Integralista. *ENFIL: Revistas Encontros com a Filosofia*, ano 2, n. 2, 2014.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 25, n. 50, p. 61-95. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882005000200004>>. Acesso em 14 de Jun. 2019.

Webgrafia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Governo anistia João Cândido, sem indenização. 24 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/governo-anistia-joao-candido-sem-indenizacao/>>. Acesso em 02 jun. 2019.

ALVES FILHO, Francisco. Herói injustiçado. *IstoÉ Independente*. 27 mar. 2010. Disponível em: <https://istoe.com.br/60677_HEROI+INJUSTICADO/>. Acesso em 02 jun. 2019.

BERABA, Marcelo. Marinha libera documentos de João Cândido, o "almirante negro". *Folha de S. Paulo*. 09 de mar. de 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/03/379839-marinha-libera-documentos-do-almirante-negro.shtml>>. Acesso em 02 jun. 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Diário da Câmara dos Deputados*, Brasília, ano 60, n. 152, 03 set. 2005, p. 43581-43582. Disponível em : <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD03SET2005.pdf#page=69>>. Acesso em 02 jun. 2019. Discurso do Deputado Elimar Máximo Damasceno.

CARCERELLI, Luiz. 100 anos da Revolta da Chibata - João Cândido, o almirante negro da esquadra revoltosa. *A Nova Democracia*, ano IX, nº 71, nov. de 2010. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/no-71/3152-100-anos-da-revolta-da-chibata-joao-candido-o-almirante-negro-da-esquadra-revoltosa>>. Acesso em 02 jun. 2019.

CONGRESSO EM FOCO. Câmara anistia integrantes da revolta da Chibata. 13 mai. 2008. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/camara-anistia-integrantes-da-revolta-da-chibata/>>. Acesso em 02 jun. 2019.

ESTADÃO. Lula inaugura estátua do marinheiro João Cândido no Rio. *Estadão*. 20 nov. 2008. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-inaugura-estatuado-marinho-joao-candido-no-rio,281087>>. Acesso em 06 jun. 2019.

FERNANDO, Paulo. O almirante negro integralista. *Terça Livre*. 06 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.tercalivre.com.br/o-almirante-negro-integralista/>>. Acesso em 02 jun. 2019.

G1. Mangueira reconta história do Brasil em desfile com heróis da resistência negros e índios. 05 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/05/mangueira-reconta-historia-do-brasil-em-desfile-com-herois-da-resistencia-negros-e-indios.ghtml>>. Acesso em 17 jun. 2019.

O GLOBO ONLINE. Lula sanciona anistia a líder da Revolta da Chibata. *Extra*. 23 jul. 2008. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/lula-sanciona-anistia-lider-da-revolt-a-da-chibata-547221.html>>. Acesso em 02 jun. 2019.

Fontes

BOSCO, João; BLANC, Aldir. *O Mestre Sala dos Mares*. [S. l.]: RCA Victor, 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajjAV1bHHX4>>. Acesso em 06 jun. 2019.

FELISBERTO, João Cândido. *Entrevista concedida por João Cândido a Hélio Silva*.

Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1968. [Transcrição por José Miguel Arias Neto]. Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/arqtxt/JoaoCandido-entrevista.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2019.

JOÃO Cândido: a luta pelos direitos humanos 01. Direção: Tânia Quaresma. [S. l.]: Fundação Banco do Brasil, 2008a. 1 vídeo (24 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PMY_L9V9a28> . Acesso em: 04 jun. 2020.

JOÃO Cândido: a luta pelos direitos humanos 02. Direção: Tânia Quaresma. [S. l.]: Fundação Banco do Brasil, 2008b. 1 vídeo (13 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F-mTOS6FmA&t=648s>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

Recebido em: 05/08/2019

Aceito em: 15/07/2020